

A prática do idioma para o desenvolvimento de novas habilidades e competências

SELMA IARA GOMES LOPES TAVARES²¹ E MARIA LUÍZA NUNES ARAÚJO²²

Resumo: Este artigo apresenta algumas propostas sobre a prática da produção textual, além da valorização do ensino do idioma dentro de uma perspectiva moderna, que envolve todos os educadores comprometidos com uma renovada metodologia de ensino, a qual visa aprofundar a leitura como um processo lógico de estudo e de análise para que o aluno possa entender o que escreve, e possa utilizar uma linguagem mais expressiva, variada e amadurecida, como exigência dos tempos modernos, pois sabe-se que hoje as mudanças que estão ocorrendo exigem uma nova postura da escola — esta deve preocupar-se em formar pessoas ativas, capazes de viver no mundo de imagem e de informação. Com este compromisso definido, o ensino da Língua Portuguesa nos Colégios Militares tem por objetivo contribuir para a formação da personalidade do aluno, desenvolvendo a capacidade de compreender, analisar, criticar e julgar o que escreve.

Palavras Chave: linguagem, produção textual, idioma, formação, educação.

Summary: This article presents some proposals about the practice of textual production, as well as the valuation of the language teaching from a modern perspective, which involves all the educators compromised with a renewed teaching methodology that aims to deepen reading as a logical process of study and analysis so that the student may understand what he writes, using a more expressive, diversified and matured language, as the modern times require. With this commitment defined, Portuguese language teaching in the Military Schools aims at contributing towards the student's personality formation, developing his ability to comprehend, analyze, criticize and judge what he writes. It is known that today the current changes demand a new posture of school, worried about forming active people, able to live in the world of image and information.

Key words: language, textual production, formation, education.

1. Introdução

Não se pode dizer simplesmente que o aluno aprenda a escrever, lendo. Está claro que a leitura fornece subsídios à escrita e não só a leitura, pois todas as experiências vitais ou vivenciais se constituem em material de consumo e refletem no produto: o texto escrito (redação).

Trabalhar produções de textos, com os alunos, em sala de aula, particularmente com os do CM (Colégio Militar), é deixar-lhes abrir os olhos e a alma para a visão de um outro mundo, como um verdadeiro paraíso de sonhos e realização, a ser construído por eles mesmos, uma vez que a criação de um texto leva o jovem estudante a perceber não apenas seu domínio sobre a Língua (símbolo nacional) ao ser capaz de

comunicar-se em diferentes situações sociais — como também aprender a amar, respeitar, reconhecer e valorizar sua Pátria, pois, como já dizia o poeta Fernando Pessoa “*Minha Pátria é minha língua*”, e, para os alunos do CMS (Colégio Militar de Salvador), tal verso constitui-se um lema.

A metodologia seguida, nos CM, em relação à produção de textos, tem como principal abordagem os gêneros textuais ou discursivos. Segundo Bakhtin, “todos os textos que produzimos, orais ou escritos, apresentam um conjunto de características relativamente estáveis, tenhamos ou não consciência delas. Essas características configuram diferentes tipos de gêneros textuais que podem ser identificados por três aspectos básicos

²¹ CMS - Colégio Militar de Salvador. Salvador-BA, Brasil. tenamles@ig.com.br.

²² CMS - Colégio Militar de Salvador. Salvador-BA, Brasil. malununes14@bol.com.br.

coexistentes: o assunto, a estrutura e o estilo” (Cereja, 2000).

Sheneeuwly compreende o gênero textual como uma *ferramenta*, isto é, um instrumento com o qual é possível exercer uma *ação lingüística* sobre a realidade. Para ele, o uso de uma ferramenta resulta em dois efeitos diferentes de aprendizagem: por um lado, amplia as capacidades individuais do usuário; por outro, amplia seu conhecimento a respeito do objeto sobre o qual a ferramenta é utilizada.

“Assim, no plano da linguagem, o ensino dos diversos gêneros textuais que socialmente circula entre nós não somente amplia sobremaneira a competência lingüística e discursiva dos alunos, mas também lhes aponta inúmeras formas de participação social que eles, como cidadãos, podem ter, fazendo uso da linguagem.” (Cereja, 2000)

O grande propósito deste trabalho, então, é o de apresentar propostas, dentro dessa nova perspectiva educacional, que influenciam a prática pedagógica dos educadores que atuam nos CM, e que contribuem para o enriquecimento e modernização do ensino. Vale ressaltar, ainda, que o trabalho não se limitará, pois, a expor apenas pressupostos teóricos direcionados à prática pedagógica de acordo com a formação do docente e, sim, revelar o caráter objetivo e prático da atuação deles, num ensino moderno para os CM, na orientação da aprendizagem.

É dessa forma, então, que o assunto ora mencionado servirá de alicerce para todo o corpo docente, envolvido na prática pedagógica dos CM, que busca aperfeiçoar e atualizar sua ação educativa e, conseqüentemente, melhorar o rendimento escolar, despertando o interesse e a criatividade daquele educando que se tornará o profissional “desejado” neste novo século.

Antes de entrarmos nas questões pedagógicas do ensino de Língua Portuguesa do Colégio Militar de Salvador, apresentamos um breve resumo

da história e da estrutura dos Colégios Militares, para fins de contextualização.

2. O Sistema Colégio Militar do Brasil:

O Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB) subordina-se diretamente à Diretoria de Ensino Preparatório e Assistencial (DEPA) a qual cabe supervisionar, controlar, coordenar as atividades didático-pedagógicas do Sistema e da Fundação Osório (FO), localizada na cidade do Rio de Janeiro – RJ, a qual vincula-se a esta Diretoria para fins de orientação técnico-pedagógica.

A DEPA está subordinada ao Departamento de Ensino e Pesquisa (DEP), órgão setorial responsável pela condução do Ensino no Exército Brasileiro. Atualmente, o Sistema é formado por 12 (doze) CM, situados em Manaus-AM, Fortaleza-CE, Recife-PE, Salvador-BA, Rio de Janeiro-RJ, Juiz de Fora-MG, Belo Horizonte-MG, Brasília-DF, Campo Grande-MS, Curitiba-PR, Porto Alegre-RS, Santa Maria-RS e por aquela Fundação.

2.1. A Proposta Pedagógica do SCMB

A proposta pedagógica do SCMB contempla um conjunto de fundamentos educacionais que define a identidade do Sistema de Ensino e a referência básica para direcionar a prática pedagógica agregando e envolvendo os profissionais de cada Estabelecimento de Ensino (EE) com um trabalho de qualidade. Define ainda a filosofia de ensino e os objetivos a serem alcançados através da metodologia pedagógica praticada no Sistema. Ao longo de mais de cem anos, esse sistema vem aperfeiçoando e inovando a sua proposta pedagógica.

De acordo com o item 2.4 (O Ensino e a Proposta Pedagógica), capítulo 2, e com o item 5.5 (Trabalhos Interdisciplinares e Projetos Educacionais), capítulo 5, das NGPCE (Normas de Gestão, Planejamento e Condução do Ensino) do SCMB lê-se, respectivamente, que a proposta

pedagógica dos CM tem por finalidade colaborar na formação de cidadãos intelectualmente preparados e cômicos do seu papel na sociedade segundo os valores, os costumes e as tradições do EB (Exército Brasileiro) e que tal finalidade deve ocorrer por meio de uma prática pedagógica que promova a necessidade de ampliar a conscientização dos alunos, de estimular a iniciativa e a criatividade e, principalmente, de incentivar o aluno a trabalhar em equipe, beneficiando o grupo em detrimento do indivíduo.

Considerando ainda o capítulo 5 desse documento, no item 5.18 (Orientações Específicas para as disciplinas e para as Áreas de Estudo) lê-se que o ensino da Língua Portuguesa deve dar máxima prioridade ao desenvolvimento da capacidade de produzir textos e de expressar-se oralmente.

Entretanto, sabemos que o ensino de uma língua requer do aluno habilidades bem mais reflexivas que antecedem a sua capacidade de produzir textos escritos, como, por exemplo, a articulação da gramática, da leitura e da escrita, ou seja, a sua capacidade de refletir a respeito da historicidade da língua e de analisar sua estrutura e funcionamento, para só assim aperfeiçoar sua capacidade de leitura e de escrita funcionais. Passemos assim a duas reflexões básicas: o ensino da língua e a proposta pedagógica do SCMB.

2.2. Reflexões a respeito do ensino da língua e da proposta pedagógica do SCMB para os CM

De que maneira, então, torna-se possível cumprir essas normas e atingir esses objetivos se o ensino do idioma está aquém daquele tão desejado, em virtude da falta de interesse de boa parte dos alunos em “admitir sua nacionalidade ou mesmo assumir compromisso com seu próprio idioma encarando-o como sua nação?” Quais são as fronteiras (barreiras) que limitam esse aprendizado? Quanto tempo é necessário, realmente, para

desbravar esse imenso território lingüístico? Quantos são os pontos que norteiam os passos a serem seguidos e por onde eles perpassam? Quem são os semeadores desse solo tão fértil, mas tão pouco produtivo?

As respostas para todas essas indagações não são tão fáceis, nem tão simples como querem parecer. Ao contrário, são respostas que exigem, sobretudo, experiências práticas, embasamentos teóricos e, principalmente, vivência de sala de aula. Nesse sentido, é correto afirmar que o resultado da análise do trabalho desenvolvido pelos professores de língua portuguesa, ao longo desses últimos anos, e, paralelamente, o das observações dos professores das demais seções, principalmente os da área de Ciências Humanas, no que se refere ao baixo rendimento apresentado pelos discentes do ensino fundamental e médio tanto na oralidade quanto na escrita, é a semente que germinou e fez brotar um projeto desse solo fértil, mas bastante irregular, sujeito às mais diversas intempéries climáticas e às variedades de relevo que interferem na produção e na qualidade dos frutos.

É preciso, então, investigar com cuidado esse terreno, respeitar seus limites e características, bem como saber cultivá-lo, para nele semear boas sementes e dele colher os melhores frutos. Sabe-se, entretanto, que este é um trabalho que demanda **tempo, empenho e muito investimento** para que não se percam partes de toda a safra. Assim é o contexto no qual se constrói a pedagogia da Língua Portuguesa no Colégio Militar de Salvador, através do trabalho desenvolvido pela equipe da Seção de Ensino A.

3. A Seção de Ensino A

Esta Seção de Ensino é composta pelas disciplinas de Língua Portuguesa, Literaturas (Portuguesa e Brasileira) e Educação Artística. A ela compete, por intermédio da sua chefia, coordenar e

desenvolver a ação pedagógica dos profissionais dessas disciplinas.

Viabilizar um trabalho que tem na Produção Textual - um dos seus aspectos mais relevantes é, ao mesmo tempo, um desafio e um compromisso com a transformação do ensino da língua materna. Este trabalho já vem sendo implantado no Sistema Colégio Militar do Brasil, há mais ou menos seis anos, obtendo resultados bastante positivos. Acredita-se, porém, que ele possa ser aplicado em qualquer instituição cuja proposta filosófica educacional esteja centrada na formação do indivíduo crítico, reflexivo e pesquisador.

Cabe dizer que o estudo dos textos no CMS é feito de maneira bem dinâmica: isto é, busca na intertextualidade e na interdisciplinaridade abordagens interpretativas que tornam a compreensão da mensagem e o entendimento do conteúdo mais eficazes. Em última análise, procura utilizá-los como pretexto para o ensino da gramática normativa. A ênfase do trabalho de Língua Portuguesa, como prática de produção textual, está sempre vinculada às disciplinas de Educação Artística, História e Geografia, da 5ª a 7ª e de Iniciação à Filosofia, Literaturas e às outras já citadas, na 8ª série do Ensino Fundamental e nas 1ª e 2ª séries do Ensino Médio, visto que a 3ª série está mais direcionada para a realidade dos Vestibulares.

Para que essas atividades alcancem o objetivo desejado, incentiva-se o aluno ao hábito de leitura, uma vez que hoje, mais que antes, a leitura deve ocupar um lugar de destaque na vida de cada um, pois é através dela que se continua o projeto de aprendizagem. Quem tem o hábito da leitura tem mais facilidade de expressão e também consegue compreender rapidamente as informações que são passadas por esta sociedade em que predominam os meios de comunicação. Conseqüentemente, desenvolve com maior rapidez o domínio da escrita.

“A linguagem é, ao mesmo tempo, o principal produto da cultura, e é o principal instrumento para sua transmissão”.

O que implica dizer que tanto a escola quanto seus professores — esta não é uma tarefa apenas da disciplina de Língua Portuguesa — devem empenhar-se na garantia e na manutenção do valor social da língua. Ensinar, é antes de tudo, uma ação de cidadania, uma ação ética que requer o respeito mútuo e a socialização de experiências. É salutar que a escola invista nessa iniciativa, capacitando seus professores e formando parcerias com a comunidade para que haja cumplicidade entre as partes envolvidas e participação coletiva em prol do desenvolvimento cultural e do bem estar do aluno. Promover atividades lúdicas e interativas, tais como visitas a outras instituições educacionais, indústrias, centros de pesquisas, empresas de diversos portes, museus, centros históricos, bibliotecas..., são maneiras de socializar o conhecimento e de expressar-se oralmente, relatando aquelas experiências, e na escrita, ao registrar os fatos ocorridos e observados naqueles momentos. Nesse sentido, também, tanto a produção oral ou a escrita podem ser realizadas em grupo, mantendo o caráter da atividade, como individualmente, a fim de melhor observar o desempenho de cada aluno.

Entende-se que num país onde o sistema de educação é falho e o número oficial de analfabetos já é grande, é possível prever o “calibre” do público leitor. Especialmente a partir dos anos noventa, é possível notar uma série de artigos refletindo a preocupação com a deficiência da leitura no Brasil. Aquela que já foi uma das grandes diversões da classe burguesa é, hoje, uma obrigação para muitos e um prazer de poucos.

A leitura que a maioria das pessoas absorve durante a vida escolar,

limita-se a decifrar palavras e compreender a idéia central de um texto (de preferência, o mais simples possível). Ou seja, o suficiente para o convívio social sem maiores problemas de comunicação. A melhor parte da leitura, entretanto, a interpretação, a correlação de conhecimentos, o enriquecimento cultural e lingüístico é um martírio para muitos estudantes. Ler obras é, para eles, o pior dos castigos, atendido apenas por exigência da escola ou do vestibular.

É importante compreender que essa situação não é só falha por parte dos estudantes, mas é uma resposta à própria estrutura de que fazem parte. Acreditamos que quase todas as pessoas que cultivam a leitura hoje têm esse hábito desde criança: os pais, avós ou outros parentes estimulavam-na de uma forma ou de outra. Assim, pouco adianta a ação do governo em custosas campanhas e dos aflitos professores de português, se é no seio familiar que a leitura surge. A receita é simples: cabe a cada pessoa criar os leitores de amanhã. Resta saber se será preciso conscientizar a sociedade do seu papel ou se ela mesma tomará partido para o resgate dessa dívida da raça humana.

Esta, portanto, é uma das grandes preocupações dos CM em todo o país. Fazer de cada aluno um leitor crítico e atualizado com a sua linguagem, com a diversidade de novas palavras e enriquecimento do seu vocabulário.

Veja o que diz Koch:

[...] o texto pode ser concebido como resultado parcial de nossa atividade comunicativa, a qual compreende processos, operações e estratégias que têm lugar na mente humana, e que são postos em ação em situações concretas de interação social. [...] Desta perspectiva, então, pode-se dizer, numa primeira aproximação, que textos são resultados da atividade verbal de indivíduos socialmente atuantes, na qual estes coordenam suas ações no intuito de alcançar um fim social, em conformidade com as condições sob as quais a atividade verbal se realiza.

Poder-se-ia, assim, conceituar o texto como “uma manifestação verbal constituída de elementos lingüísticos intencionalmente selecionados e ordenados em seqüência, durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos que norteiam as estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais” (KOCH, 1995, p.20).

A produção textual desenvolvida no CMS tem também a finalidade de socializar o aluno em sala de aula, com as outras séries e com a família. Os textos, desenvolvidos em sala de aula, são comentados pelos professores, corrigidos e reescritos pelos alunos. Depois da reescritura, são selecionados para serem publicados ou na revista, ou no jornalzinho ou na Antologia do colégio e/ou lidos na Formatura Geral, sendo, assim, apresentados ao público.

Sobre a reescritura do texto, Ruiz (2001) comenta:

“Quando o aluno refaz, reescreve, reelabora, reestrutura, retextualiza, enfim, revisa o próprio texto, em função de uma correção escrita pelo professor, a nova versão consiste, geralmente, numa reescrita de todo o texto”. [...] “Uma leitura de redações reescritas em decorrência de correções de tipo resolutivo revelou que não há praticamente nenhum problema que não seja revisado pelos alunos ao procederem à tarefa de refazimento. Ao reescrever seu texto, o aluno copia praticamente todas as alterações apresentadas — geralmente in loco — pelo professor, já que parece não encontrar nenhuma dificuldade para apenas incorporá-las ao texto original”.

Feito isso, o aluno de escritor passa a ser um leitor crítico do seu próprio texto, isto é, tem o poder de descobrir o que fez, o que criticou e o que conseguiu melhorar e transformar no texto. Por esse motivo, a fase de revisão passa a ser decisiva para aprofundamento e

transformação da descoberta da escrita. Compete ao professor, dar sugestões, eleger alguns critérios básicos que ajudem ao aluno na hora da reescrita do texto. Para melhor direcionar essa prática, a chefe da Seção criou um projeto destinado a renovar a metodologia do ensino da língua.

3.1. O Projeto Lidando com a Língua: uma nova proposta para o ensino do idioma por nível.

Entendemos que o aluno, ao ingressar na escola, já traz consigo uma bagagem muito rica em conhecimentos diversos e que cabe à escola aproveitá-la e até mesmo tomá-la como ponto de partida para melhor encaminhar sua prática pedagógica. Dessa maneira, a escola promove a construção de conhecimentos mais específicos e complexos, aproveitando os conhecimentos já adquiridos pelos alunos, e tornando o processo ensino-aprendizagem mais prazeroso, mais significativo para os mesmos, pois ninguém desconhece algo por completo, sempre tem uma hipótese, argumentos a apresentar, mesmo quando se trata de situações que exijam conhecimentos mais profundos.

Portanto, fundamentando-se nos pressupostos teóricos ora apresentados, procuramos realizar uma intervenção na prática pedagógica dos colégios militares, através da qual esperamos desenvolver uma ação educativa que reflita os modelos construtivista e sociointeracionista de ensino – aprendizagem.

De acordo com a concepção de Piaget sobre a Educação: “Educar é criar homens capazes de fazer novas coisas — não simplesmente repetir o que outras gerações fizeram — homens criativos, inventivos e descobridores”. A grande preocupação dos Colégios Militares neste novo século é de criar um novo paradigma que reflita a situação atual no que concerne a Questão da Educação e, em consequência, a mudança de

comportamento dos jovens estudantes os quais, futuramente, estarão representando a nossa nação.

Tomando por base o conceito de Piaget sobre a Educação e associando a este, outros teóricos tão expressivos nessa mesma linha de pensamento, tais como Paulo Freire (1987) que concebe a Educação como um “ Processo de tornarmo-nos criticamente cômnicos de nossa própria realidade, de um modo que conduza à ação efetiva sobre aquela” , e Peter Buckman que a concebe como “Oportunidade de desenvolver e ampliar seus interesses para que possam desempenhar uma função mais efetiva na sociedade a que pertencem”, os Colégios Militares, hoje, caminham rumo a uma nova proposta pedagógica, na qual o papel do discente e do docente ganham um novo enfoque, centrado na aquisição do conhecimento socioconstrutivista, ou seja, como já foi dito no primeiro momento deste artigo, professor e aluno passam a caminhar juntos na construção do conhecimento.

Dessa forma, acreditamos que a aprendizagem só será significativa à medida que o discente conseguir estabelecer uma relação não arbitrária e substantiva entre os conteúdos escolares e os conhecimentos previamente construídos por eles, num processo de articulação dos significados.

Na renovação e reformulação de sua proposta pedagógica, esse Sistema de Ensino, não obstante, vem acompanhar a acelerada transformação que o mundo, de maneira acentuada, sofreu nesse final de século e início de novos tempos que, de certa forma, provocou repercussões em todas as atividades que envolvem as instituições de ensino e o próprio indivíduo. Inserir-se nesse novo mundo, para os Colégios Militares, significa apresentar respostas criativas e desafios até agora desconhecidos, uma vez que, atualmente se vive a era do conhecimento, da tecnologia, das ciências e da informática, ou seja, do imediato acesso à

informação e da velocidade com que essa é difundida.

3.2. O projeto lidando com a Língua

Este é um projeto educacional voltado exclusivamente para a retomada histórica e funcional dos conhecimentos lingüísticos, — adquiridos “ou não” pelos discentes ao longo do seu processo de escolaridade — bem como para a sistematização e aprofundamento desses conteúdos (morfológicos, sintáticos, semânticos), face às dificuldades apresentadas por eles, nas últimas décadas, quando o ensino da língua ganha uma nova dimensão, admitindo um enfoque mais pragmático e funcional em detrimento daquele tão tradicional e estruturalista que já não mais atendia às necessidades de expressão oral e escrita no meio escolar e/ou acadêmico.

A idéia de se criar no Colégio Militar de Salvador um projeto que abrangesse tamanhas peculiaridades surgiu não só daquela necessidade, mas, antes de tudo, de uma reflexão sobre o que se espera hoje do ensino do idioma, ou mais especificamente de um curso da Língua Portuguesa numa perspectiva histórica e funcional da língua, ao se avaliar a proficiência lingüística do aluno que, ao concluir o ensino médio, deverá estar apto a ingressar ou manter-se no mercado de trabalho, lidando com situações *conflitantes* que vão exigir dele várias habilidades.

Se a resposta que desejamos para essa nossa reflexão é “preparar o cidadão para o ato comunicativo (expressar e comunicar idéias e sentimentos por meio da linguagem oral e escrita numa intercomunicação social)”, devemos desde agora reavaliar a proposta de ensino da língua, criando mecanismos mais eficazes que atendam não apenas tais necessidades, mas que também privilegiem a todos os falantes, respeitando suas diferenças. Nesse sentido, essa Seção de Ensino instituiu como princípio básico para a realização

deste trabalho a célebre frase do poeta português **Fernando Pessoa**: “*Minha pátria é a língua portuguesa*”.

3.3 Pressupostos Teóricos que norteiam o projeto.

Segundo o professor Luiz Carlos Travaglia em sua obra *As ciências lingüísticas e o ensino de língua*. Petrópolis, Vozes, 1974, há três tipos de ensino da língua: o prescritivo, o descritivo e o produtivo”. Desses três, o que mais nos interessa aqui é o último por ser o que está em maior consonância com nossa proposta pedagógica.

“Quando nos referimos à língua portuguesa, à língua espanhola, à língua alemã ou à língua latina, fazemos alusão a uma língua como produto cultural histórico, constituída como unidade ideal, reconhecida pelos falantes nativos ou por falantes de outras línguas, e praticada por todas as comunidades integrantes desse domínio lingüístico. Entendendo assim, esse produto cultural recebe o nome de língua histórica. [...] uma língua histórica nunca é um sistema único, mas um conjunto de sistema (dialeto, nível lingüístico, estilo).

[...] Há, contudo, uma realidade lingüística idealmente homogênea e unitária quanto a esse sistema que é a língua funcional, ou seja, a língua que consiste em uma modalidade que de maneira imediata e efetiva funciona nos discursos e textos.

Todo falante de uma língua histórica é “plurilíngüe”, porque domina ativa ou passivamente mais de uma língua funcional, embora não consiga nunca saber toda a extensão de uma língua histórica; e o sucesso da educação lingüística é transformá-lo num poliglota dentro de sua própria língua funcional que se sobrepõe às demais.

O ensino produtivo tem como objetivo ensinar novas habilidades lingüísticas, pois visa a ajudar o aluno a entender o uso de sua língua materna de

forma mais eficiente; sendo assim, não quer **alterar padrões que o aluno já adquiriu, mas aumentar os recursos que possui e fazer isso de modo tal que tenha a seu dispor, para uso adequado, a maior escala possível de potencialidades de sua língua, em todas as diversas situações em que tem necessidade delas.**

Esse tipo de ensino é, sem dúvida, o mais adequado ao desenvolvimento da competência comunicativa, já que tal desenvolvimento implica a aquisição de novas habilidades de uso da língua [...]; [...] estariam incluídos aqui o desenvolvimento do domínio da norma culta e o da variedade escrita da língua.”

3.4. O projeto na prática

O projeto **Lidando com a Língua** é composto de duas partes as quais funcionam de forma simultânea: a primeira delas por uma atividade direcionada para o resgate de pré-requisitos, a qual intitulamos *DESvendando OS MISTÉRIOS DA LÍNGUA* e a segunda pelo *PROGRAMA JORNAL NA SALA DE AULA*, como um recurso a mais para as estratégias metodológicas na prática do ensino do idioma, uma vez que, após longos anos de experiência analisando a competência lingüística do corpo discente do Colégio Militar de Salvador, a chefe da Seção, junto com sua equipe, sentiu a necessidade de “*desvendar os mistérios ocultos*” da nossa Língua — *terror* da maioria dos alunos e *paixão* dos nossos professores — e de *desbravar os caminhos que levam a esses enigmas* (“soluções”) a fim de não só melhorar essa competência, mas sobretudo aperfeiçoá-la, inserindo nesse contexto atividades diferenciadas, com o uso do *jornal na sala de aula*.

Dessa forma, este projeto visa a recuperar os conhecimentos lingüísticos de todos os alunos que, há mais de dois anos, vêm apresentando deficiências na oralidade e, principalmente, na escrita ocasionando,

assim, um rendimento improficuo, à luz daquele que se espera do aluno, na série e no curso, respeitando sempre suas diferenças.

Parte I: “Desvendando os Mistérios da Língua”

Esta primeira parte do projeto constitui-se da realização de Oficinas, onde são desenvolvidas atividades que visam a resgatar, sistematizar e aprofundar os conhecimentos lingüísticos essenciais — CORE — à compreensão da língua histórica para o melhor domínio da língua funcional. Foi pensando assim, então, que foram criadas as seguintes Oficinas: *SEGUNDAS LETRAS, TANTAS PALAVRAS, OUTRAS IDÉIAS E ASAS DA IMAGINAÇÃO*.

O trabalho das oficinas acontece de forma simultânea para todas as turmas do ensino fundamental e médio, em horários e locais fixos, seguindo seu grau de complexidade (Fases) e substituindo as aulas de recuperação e/ou reforço da série, uma vez que seu principal objetivo é resgatar pré-requisitos. Para isso os professores da Seção de Ensino A analisam, dentro das suas respectivas turmas, o desempenho lingüístico de cada um de seus alunos e, de acordo com as suas necessidades, os direcionam para uma das oficinas oferecidas, caso seja necessário.

Essas são desenvolvidas em salas específicas, com no máximo quinze alunos, de acordo com o seu estágio, de modo que, independente da série, caso apresente dificuldades pertinentes ao objetivo proposto para a oficina *Segundas Letras*, ele inicia nela, até estar pronto para avançar na seguinte, e assim sucessivamente.

A metodologia aplicada nas atividades realizadas nas oficinas tem caráter diferente daquele empregado nas aulas diárias. A turma deve estar formada em pequenos grupos — até cinco alunos — a fim de facilitar a troca de experiências e a atuação do professor. O

suporte didático para a preparação de todas as aulas é a consulta e a “exploração” do jornal *A Tarde*, que o colégio recebe para trabalhar com os alunos, devendo estes identificar nele textos pertinentes aos assuntos estudados em sala de aula, independente da matéria/disciplina, e extrair desse material os aspectos lingüísticos (gramaticais, coerência, coesão), observados durante as aulas de Português, com a orientação do professor, visando a estabelecer a ponte entre o conteúdo e os assuntos da atualidade, bem como tomar ciência dos fatos que o cercam e adquirir senso crítico. Dessa forma, cabe ao professor selecionar antes o material necessário para preparar a sua aula e deixar a sala em condições de execução. A avaliação nesse processo é contínua e qualitativa, cabendo ao professor responsável pelo grupo a criação de mecanismos e critérios avaliativos eficientes que garantam o bom desempenho e rendimento do aluno. Cabe lembrar que a atuação da equipe de Supervisão Escolar, nesse processo, é de fundamental importância para que atuem junto aos Coordenadores de Série no cumprimento dos horários das oficinas e da frequência dos alunos, que deve ser controlada não só pelos professores, mas, sobretudo, pelos monitores e Cia de alunos.

Objetivando a qualidade do trabalho e o comprometimento de todos os envolvidos, a Chefe da Seção de Ensino A acompanha, semanalmente, o planejamento e a execução do trabalho das oficinas desenvolvidas por seus professores, e a Supervisão Escolar deve não só acompanhar, por semana ou quinzenalmente, o resultado do trabalho, mas também manter um controle mais rigoroso das atividades e avaliações desenvolvidas nas outras seções, buscando o engajamento de todos no processo, para que os problemas ora apresentados não se mantenham, tampouco ressurgam.

A confecção do material a ser trabalhado nas oficinas fica a encargo dos coordenadores de cada oficina, juntamente com sua equipe, com o objetivo de se manter a unidade do trabalho; o que é válido, também, para a “avaliação somativa” — ao final da oficina — na composição da nota da PR (prova de recuperação).

Objetivo das Oficinas:

- Oficina **SEGUNDAS LETRAS**: atender a todos os alunos que ingressaram no SCMB e que, tendo ou não sido reclassificados, apresentam, ainda assim, ausência dos pré-requisitos necessários para cursar a série e/ou acompanhá-la. Destina-se aos alunos de todas as séries, nessa condição.
- Oficina **TANTAS PALAVRAS**: atender aos alunos que apresentam de forma muito precária o conteúdo mínimo necessário para cursar a série na qual se encontra, pois mesmo demonstrando interesse e esforço, não conseguem acompanhar o rendimento da turma. Destina-se, mais especificamente, aos alunos a partir da 7ª série.
- Oficina **OUTRAS IDÉIAS**: atender aos alunos que, embora consigam apresentar os conhecimentos mínimos necessários para cursar a série, ainda encontram dificuldades em organizar as idéias na produção escrita, pois lhes faltam, além de embasamento teórico — leituras variadas —, o conhecimento e a prática de mecanismos lingüísticos que estruturam o texto. Destina-se, mais

especificamente, aos alunos a partir da 8ª série.

- Oficina **ASAS DA IMAGINAÇÃO**: atender aos alunos que apresentam boa proficiência lingüística e habilidade na expressão escrita, desenvolvendo, assim, seu potencial criativo e estimulando seu desempenho para que sirvam de exemplo aos demais. Destina-se aos alunos de todas as séries.

Parte II: O programa Jornal na Sala de Aula (Coordenação: Seção de Ensino A)

Atividade desenvolvida a partir do programa *A TARDE NA ESCOLA*, cuja proposta é levar para sala de aula o uso sistemático do jornal, como ferramenta de ensino — pois tem como base a prática da leitura com jornal — e que visa à implementação de uma metodologia de trabalho voltada para o desenvolvimento educacional e social do aluno. Vale ressaltar que o CMS já participa deste programa há oito anos.

Objetivos:

- Estabelecer uma ponte entre a escola e o cotidiano, aproximando o aluno da realidade.
- Propor a intertextualidade e a interdisciplinaridade a partir de um tema relevante do jornal.
- Produzir conhecimentos focados em objetivos planejados pelo professor.
- Montar um jornal mural da turma, na sala de aula, com os assuntos trabalhados pelos professores semanalmente.

Proposta de Trabalho:

1. Os professores das matérias/disciplinas, a partir da leitura do jornal diário *A TARDE*,

que chega ao colégio (COP), poderão selecionar dos vários tipos de texto que o compõem, aquele que está mais próximo do seu conteúdo e traçar objetivos interdisciplinares e intertextuais propondo aos alunos atividades do tipo: resumos, resenhas, gráficos, tabelas, dados estatísticos, mapas, paródias, etc; construindo uma nova rede de conhecimento e criando um outro método de ensino-aprendizagem.

2. Desenvolver atividades ligadas ao Trabalho Interdisciplinar e à Feira da Cultura, tendo por base os diversos textos jornalísticos, adequados às séries e ao tema proposto.
3. A montagem do jornal mural que é encargo dos alunos, com o apoio dos professores envolvidos e dos Coordenadores da Série, que deverão avaliar (apresentar uma crítica construtiva) o trabalho nas suas respectivas reuniões.
4. A chefe da Seção de Ensino A disponibilizará o *Rancho do Saber* para os professores que tiverem interesse em realizar qualquer atividade relacionada ao projeto, fixando horário para as turmas de todas as séries e deixando, lá, o material (jornal) necessário para as atividades.

A Supervisão Escolar encarregar-se-á de, nas reuniões de coordenação, verificar o andamento dos trabalhos, no que se refere ao envolvimento de todos os participantes.

4. Análise crítica das atividades desenvolvidas nas oficinas (primeiro momento)

Como todo início de implementação de um projeto, pode-se dizer que encontramos bastantes dificuldades para realizar o trabalho proposto para as oficinas. Apesar de ter sido feito um planejamento bem estruturado e de podermos sentir o engajamento dos profissionais da área na execução da atividade, a nossa maior dificuldade deu-se por conta de dois fatores essenciais: TEMPO e FREQUÊNCIA (a necessidade de haver mais disponibilidade de tempo para o professor planejar as atividades — professores exclusivos — e disponibilidade do aluno para permanecer no colégio em horário integral, freqüentando as oficinas que necessitavam).

No que se refere a esses dois fatores, é fácil perceber que não há como eliminar a interferência que um exerce sobre o outro, por mais que se tente amenizar o “problema”. Ou seja, os alunos que hoje apresentam déficit de pré-requisitos em mais de três matérias, são alunos oriundos de um outro Sistema de Ensino (outras instituições) e que, em grande parte, não desenvolveram bem os requisitos básicos para cursar aquela série. A maior dificuldade apresentada ocorre no âmbito da leitura e da compreensão de textos. Isso é comprovado porque, na maioria dos casos, essas escolas possuem uma proposta pedagógica diferente daquela desenvolvida nos CM, e o aluno chega ao nosso colégio acreditando que não precisa dedicar-se ao aperfeiçoamento da Língua, pois a conhece desde seus primeiros contatos com as letras (gramática descritiva). Logo, ao fazermos uma análise mais crítica desse tipo de comportamento, vemos que a situação além de preocupante gera um certo comodismo para o aluno e, ao mesmo tempo, uma sensação de impotência para o professor que, tendo ou não condições, é quem deve apresentar uma solução para esse “problema” na sua área de ensino.

É nesse aspecto, então, que sobre a disciplina de Língua Portuguesa recai uma

responsabilidade muito maior (agregamos os dois fatores), haja vista as argumentações já apresentadas anteriormente. Se o aluno não domina os conhecimentos lingüísticos, tem dificuldades de expressar-se oralmente e, por conseguinte, na escrita, como responder aos questionamentos propostos numa avaliação de escala taxionômica, quando lhe falta também, organização nos estudos, concentração na realização das tarefas e obrigação em fazê-las, bem como a vontade de superar desafios e predisposição para aprender a aprender?

De certo que há de se haver a necessidade também de priorizar o que se quer do aluno, ou melhor, o que ele precisa de mais urgente — CORE — para re-estruturar seus conhecimentos em toda e qualquer área de ensino. Porém torna-se evidente, ainda, que o aprendizado da língua é o ponto-chave para 80% senão 90% desse aprendizado; nada mais coerente, então, que a ele seja atribuído uma carga horária maior de atividades, até mesmo nas aulas de reforço/recuperação (OFICINAS), como já acontece no planejamento regular e como está sendo proposto no projeto, em detrimento da hora/aula presencial das outras matérias/disciplinas (nas aulas de recuperação).

De qualquer forma, é possível acreditar que, mesmo com tantas dificuldades, o trabalho teve um resultado bastante proveitoso e muito positivo para os que dele participaram assiduamente, como pode ser comprovado no resultado final da PR, acreditamos que a segunda fase terá um resultado muito melhor.

Observação: O conteúdo programático e o planejamento das atividades encontram-se em anexo à monografia que serviu de base para este artigo.

5. Uma nova Proposta de Trabalho (apreciação)

Diante de tudo que foi exposto, a chefe da Seção de Ensino A sugere, à apreciação dos órgãos competentes, uma nova

concepção para o ensino do idioma, visando a atingir de maneira mais eficiente e eficaz os verdadeiros objetivos da nossa área de ensino, bem como desenvolver, nos alunos, a crença de que sua pátria é sua língua, de que sua língua é riqueza de seu país e de que ele é a própria nação. Nessa perspectiva, consideramos que:

- **Ensino do Idioma:** o ensino da língua deve ser instituído nos mesmos moldes adotados para o ensino de idiomas no SCMB, uma vez que, conforme já foi citado “o sucesso da educação lingüística é transformar o falante num poliglota”, porém é preciso que ele domine, sobretudo, o seu idioma. Para isso, as aulas tradicionais seriam substituídas pelas Oficinas, acontecendo no mesmo espaço das aulas de idiomas, com horário já pré-fixado e com “certa flexibilidade do conteúdo e das avaliações” a fim de se atender às diferenças, nas séries, e fazer com que todos alcancem os mesmos objetivos com um bom rendimento, respeitando seu momento.
- **Reformulação do PLAEST/PLADIS:** estes documentos devem sofrer uma reformulação de modo que os conteúdos programáticos sejam elaborados em forma de mini-projetos, dentro das séries, para que os alunos já adquiram uma visão mais global do aprendizado da língua e, conseqüentemente, percebam a importância da clareza e da coerência na aplicação pragmática da língua para a realização de qualquer atividade, como já vem acontecendo com atividades criadas na 2ª série do ensino médio.
- **Aulas de redação:** devem ter um horário específico, “desvinculado” da hora/aula destinada ao trabalho de texto e de gramática textual, sem, contudo, haver por parte do professor que trabalhará aquele assunto um distanciamento da tipologia e/ou gênero textual previsto para série, tampouco, o “descompromisso” com os aspectos gramaticais e de compreensão de texto, abordados durante as aulas para isso destinadas. Ou seja, ainda que o trabalho pareça estanque, deverá haver entre os professores envolvidos uma total sintonia e planejamento.
- **Material de Estudo/Consulta:** os livros doados pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura) devem ser adotados como material de apoio, mas com caráter obrigatório em consonância com o já adotado no ensino fundamental — *Todos os Textos* —, substituindo assim a obrigatoriedade de se adquirir uma gramática específica, que muitas vezes não atende às necessidades do ensino, na série. O professor deve ter liberdade e encontrar condições favoráveis para reproduzir um material específico que oferecerá mais suporte teórico ao aluno e que muitas vezes não consta no material adotado pelo colégio e nem o aluno tem acesso fácil para pesquisar, principalmente quando o assunto é contemplado nos documentos oficiais (exemplos: alguns gêneros textuais: lendas, fábulas, editoriais, crônicas jornalísticas etc).
- **Avaliação com consulta/ tempo para realização da prova:** As avaliações de Língua Portuguesa e

Literaturas já acontecem, direta ou indiretamente, por meio de consulta — considerando os textos cobrados na prova como fonte de consulta para a resolução de todos os itens — de modo que o aluno necessita muito mais do domínio do conteúdo e das habilidades de compreensão e análise linguística do que de mais um material de consulta que poderá comprometer o tempo de realização da prova em si. Por outro lado, consideramos significativa a elaboração da prova de língua portuguesa e literaturas juntas, como acontecem nos vestibulares e no Enem, bem como a possibilidade de se formular questões interdisciplinares nas provas do ensino médio, por áreas de ensino, o que levaria o aluno à consulta de um outro material específico para realizar a prova — com tempo de duração maior — e a redução no calendário de AE's, além do incentivo à pesquisa e ao “treinamento” para este tipo de avaliação.

- **Trabalho Interdisciplinar e Feira da Cultura:** o trabalho interdisciplinar poderia ser substituído pelos mini-projetos das séries, por bimestre, o que garantiria sua eficácia, pois estaria sendo desenvolvido na escola, durante as aulas, com o apoio dos professores. E a apresentação de um desses mini-projetos culminaria com a Feira da Cultura.

6. Conclusão

Poder criar um projeto de tamanha importância para o ensino da língua, para a realização de uma tarefa “árdua” e mais ainda para gerar confiança na transformação de valores históricos, nacionais e culturais não é apenas um sonho; é acima de tudo vivenciar novas

experiências e materializar um sonho. Por isso desde já agradecemos a confiança e compreensão dos nossos superiores na concretização desta atividade.

Já dizia, um dos nossos maiores representantes desse belo e rico idioma *Tudo vale a pena, quando a alma não é pequena*. Como não acreditar nesses dizeres tão universal e atemporal, quando se deseja transpor as barreiras do conhecimento da língua para melhor conquistar esse solo fértil e torná-lo cada vez mais produtivo, tirando todas as pedras que estão *No meio do caminho*?

Aprender uma língua, trabalhar com os seus conceitos, conhecer suas regras e suas exceções, dominar suas estruturas, brincar e criar com o seu léxico só é possível quando se tem paixão pelo que se faz e amor pelo seu objeto de trabalho; muito embora essa não seja uma ação individual e momentânea. Educar (ensinar/aprender para modificar um comportamento) é uma arte. Educar por meio da linguagem é uma verdadeira obra de arte. Usar a linguagem para lapidar essa obra e transformá-la numa obra-prima é, simplesmente, construir tesouros.

Creemos não haver, no momento, a necessidade de se dizer, citar ou, até mesmo, explicar mais do que já foi exposto até aqui para se compreender os fundamentos deste projeto e sua importância. Convém lembrar, porém, que ele é apenas um dos caminhos para se tentar amenizar alguns dos “caos” gerados pelo Sistema Educacional, na atualidade, e que, em nenhum momento, tem a pretensão de solucionar as dificuldades enfrentadas hoje no ensino do idioma no CMS/SCMB, tampouco ser um modelo pronto para adoção e/ou implementação no sistema, haja vista as particularidades de cada CM. O que a Seção de Ensino A deseja — e falar em nome de toda uma equipe é estar ciente e segura da sua missão — é construir um tesouro; tesouro este que só será possível com o esforço e o compromisso de todos para a conquista de um novo espaço, valorizado pela leitura e

pela escrita, visando o “domínio” da LÍNGUA PORTUGUESA.

Referências bibliográficas

CASTRO, Amélia Domingues de. *Piaget e a didática*. São Paulo: Saraiva, 1974.

Castro, Frederico Faria Sodré de. *Ministério do Exército Brasileiro, Departamento de Ensino e Pesquisa – Portaria nº 101/ DEP, 28/12/2002*.

FREIRE, Paulo e SHOR, Ira. *Medo e Ousadia: O Cotidiano do professor*. Rio de Janeiro: 1987.

_____. - *A Importância do ato de ler – 12ª ed* - São Paulo, Cortez, 1986.

KOCH, Ingedore G. V. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.

_____. *A Coesão Textual*. São Paulo: Contexto, 1989.

_____. *A Inter-ação pela Linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. *O Texto: Construção de Sentidos*. São Paulo: Organon, 1995: pp. 19-25

_____. *O Texto e a Construção dos Sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

MONTEIRO, Sérgio Retumba Carneiro – *Normas para planejamento e conduta do ensino no sistema Colégio Militar do Brasil* (NPCE), 1999.

_____. *Regulamento de preceitos comuns aos estabelecimentos de ensino do Exército*, 2000.

RUIZ, Eliana: *Como se corrige redação na escola*. Mercado de Letras. Campinas. SP.

SECRETARIA DO ENSINO FUNDAMENTAL. *Parâmetros curriculares da língua portuguesa: 1º e 2º ciclos*. Brasília: MEC, 1997.

SERAFIN, Maria T. 1989. *Como Escrever Textos*. Tradução de Maria Augusta Bastos de Matos. São Paulo: Globo.

TAVARES, Selma Iara G. L. e ARAÚJO, Maria Luíza N. de. *A prática pedagógica nos Colégios Militares: uma nova proposta*. Salvador, 2002. Monografia (Especialização em Novas abordagens em Língua Portuguesa – Gramática e Texto) – Departamento de Letras – Universidade de Salvador- UNIFACS.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *As ciências lingüísticas e o ensino de línguas*. Petrópolis: Vozes, 1974.

Livros didáticos consultados

CEREJA, William Roberto. *Texto e interação: uma proposta de produção textual a partir de gêneros e projetos/*. William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães – São Paulo: Atual, 2000

INFANTE, Ulisses. *Do texto ao texto: Curso prático de leitura e redação – São Paulo: Scipione, 1998*